

Natal: um calor que amolece os corações endurecidos

Davide Prospero

As palavras do Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação: por mais que nos esforcemos por obscurecer o seu significado, esta continua a ser a festa que une todos, crentes e ateus

Caro diretor,

numa entrevista recente ao *Corriere*, Lorenzo Jovanotti disse a certa altura, comentando a canção *Imagine* de John Lennon: **«Um mundo sem religião seria pior, pois a fé é a coisa mais humana em nós. [...] O ponto não é libertarmo-nos das religiões; é libertarmo-nos»**. E mais adiante: **a Igreja é «a minha casa»**. Nisto, Jovanotti descreve uma experiência que é também a minha. Mas, sobretudo, expressou uma posição revolucionária em relação ao pensamento comum. As suas palavras levantam interrogações que, a meu ver, dizem respeito a todos: em que sentido a fé pode libertar-nos? E de que modo é que a Igreja, isto é, uma realidade humana feita de pessoas limitadas e frágeis como todos, pode ser lugar de verdadeira libertação? Parece só um conto de fadas, ou um absurdo. Há, porém, um dado inegável: **todos têm o desejo de ser realmente livres. Livres daquele sentimento de não serem nada, de serem números casuais perdidos numa massa indistinta; um sentimento que nem a expansão de uma liberdade baseada nos direitos e na tecnologia é capaz de aplacar**. Assim, damos por nós a suprimir este desejo com distrações várias, imersos numa cultura que faz de tudo para favorecê-las. E então? Escreve **Italo Calvino, referindo-se àquela espécie de “inferno” que costuma ser o dia a dia: «Há dois modos de não o sofrermos. O primeiro torna-se fácil para muita gente: aceitar o inferno e tornar-se parte dele a ponto de já não o ver. O segundo é arriscado e exige uma atenção e uma aprendizagem contínuas: tentar e saber reconhecer quem e o quê, no meio do inferno, não é inferno, e fazê-lo viver, e dar-lhe espaço»**. Aparentemente, perante a multiplicação de guerras e de episódios de intolerância e violência, perante a aridez que tantas vezes prevalece nos nossos dias, surge a tentação de nos conformarmos ao primeiro modo. A não ser que, no meio do inferno, haja realmente algo que não é inferno. **Don Giussani comenta assim a frase de Calvino: «“Quem e o quê, no meio do inferno, não é inferno”. Isto aconteceu! [...] o Destino, o nosso Destino, tornou-se Presença**. Mas Presença como pai, mãe, irmão, amigo, como - enquanto caminhávamos - um inesperado companheiro de caminho. Um companheiro de caminho: Emanuel, o Deus conosco! Isto aconteceu!» Num momento preciso da história, aconteceu algo de novo que mudou tudo. Contudo, sem aparentemente mudar nada. Eis o aspeto verdadeiramente “revolucionário” do Natal. Com efeito, o que é que um menino deitado numa manjedoura pode mudar? Por mais que nos esforcemos por obscurecer o seu significado, esta continua a ser a festa que une todos, crentes e ateus. Quase inconscientemente, todos sentem o estranho calor paradoxal que emana daquele recém-nascido deitado no frio. Um calor que amolece os corações endurecidos, que une e reconcilia, devolvendo a esperança. **Não creio que seja um acaso que tenhamos tendência a festejar o Natal com os nossos entes queridos. É precisamente no Natal, diante de um Deus menino que dorme nos braços de sua mãe**, que redescobrimos o poder - que até os nossos frágeis corpos têm - de nos dizermos uns aos outros aquilo que é mais essencial, trocando as únicas palavras que realmente libertam: és amado. *Don Giussani* dizia que «é preciso olhar para a família como o exemplo mais impressionante da Encarnação». Através da pequenez

aparente da nossa humanidade, continua a passar o calor da companhia de Deus à nossa vida: pai, mãe, irmão, amigo. **Dante faz alusão a tudo isso ao seu modo, no XXX Canto do Purgatório:** «Já via, do novo dia ante o retorno, / a parte oriental toda rosada / corar, do azul do céu sereno adorno; / e a face do Sol nasceu velada / tanto, que pelo efeito dos vapores, / sustentá-la podia minha mirada». Assim como a intensidade ofuscante da luz do sol se torna suportável ao olhar ao amanhecer, graças aos “vapores rosados” que naquele momento a “temperam”, também o amor divino se torna apreensível, perceptível, através do “rosa” da nossa carne, ou seja, através de uma companhia humana. Não há anúncio mais paradoxal e, ao mesmo tempo, mais razoável. **E eu dou por mim a dizer, com humilde gratidão, juntamente com tantos outros amigos, que esta companhia guiada pelo Papa, pela Igreja, «é a minha casa». Com o desejo de dar-lhe espaço, oferecendo-a a todos.**

O autor é Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação